

25-02-2025

Ler o mundo pela educação ambiental – o que move a professora ambientalista?

Carolina Gomes de Jesus

[Doutoranda no PPGeo/ Universidade Federal de Jataí. Grupo Dona Alzira]

Uma adolescente aos 14 anos encantava-se com o pequeno riacho que cortava sua comunidade. Passava horas observando o brilho da água sob o sol e a vida que nela habitava. No entanto, o que antes era um santuário de biodiversidade foi, aos poucos, sendo tomado pelo lixo e esgoto despejados sem critério. Foi ali que ela decidiu lutar pela preservação ambiental. Não apenas pelo riacho, mas pela dignidade que ele representava para a comunidade. Esse era seu lugar de pertencimento, mas também de resistência. Uma criança de apenas 8 anos, organizava mutirões na escola para limpar a pracinha do bairro. Inspirada pelos pais agricultores, ela aprendeu que o solo, as plantas e os animais eram mais do que recursos exploráveis: eram a base de sua existência. Ouvia histórias sobre como as terras da família, antes férteis, sofriam com o impacto da monocultura e dos agrotóxicos. Essas histórias marcaram sua consciência e mostraram que a luta ambiental é também uma luta por justiça social. Uma professora, aos 22 anos, em sua primeira turma, percebeu que ensinar sobre o ciclo da água e a importância das árvores não era apenas um conteúdo de ciência. Era uma forma de cultivar consciência crítica. Era mostrar para aqueles pequenos alunos que o mundo não se resume ao asfalto e à tecnologia. Que o mundo também respira e que a sobrevivência está entrelaçada à saúde dos ecossistemas. Hoje, aos 45 anos, essa mesma professora relembra os desafios de sua trajetória. Recorda das vezes em que foi chamada de “sonhadora” ou “ingênua” por acreditar que palestras em escolas ou hortas comunitárias poderiam trazer mudanças concretas. Lembra das reuniões infrutíferas com gestores públicos que priorizavam “o desenvolvimento” em detrimento da sustentabilidade. Ainda assim, ela segue firme. Cada semente germinada, cada criança que volta com histórias de plantio em casa, cada pequeno curso d’água recuperado alimenta sua paixão. Mas ser uma professora de educação ambiental é viver entre paradoxos. É desafiar o descaso político, que negligencia políticas públicas ambientais, enquanto o planeta clama por soluções urgentes. É questionar um sistema educacional que ainda trata a sustentabilidade como um tema secundário.

É lutar contra a lógica do consumismo que ensina que a natureza é algo descartável não essencial. Referências como Freire (1996) nos mostram que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção”. Essa perspectiva se torna ainda mais potente no campo ambiental, pois ensinar sobre o meio ambiente é também aprender a enxergar o mundo de forma sistêmica. É compreender que a devastação de uma floresta impacta diretamente a vida de comunidades locais, altera o clima e agrava desigualdades. Diante disso, levanto aqui a seguinte reflexão: “O que move a professora ambientalista?” Talvez seja o desejo de formar uma geração mais consciente e atuante. Talvez seja o ímpeto de reparar os erros das gerações passadas ou a esperança de que, ao ensinar uma criança a plantar uma árvore, ela aprenda que cuidar da terra é cuidar da própria vida. No entanto, pensemos: é possível parar de se desenvolver? Acho que não. Mas se desenvolver sem levar em conta os impactos ambientais é arriscado para o futuro da humanidade. Carlos Loureiro (2003) nos alerta para a necessidade de uma educação ambiental crítica, que não se limite a discursos moralistas ou ações isoladas de reciclagem e plantio, mas que questione a raiz dos problemas socioambientais. É possível parar de se desenvolver? Claro que não. Mas um modelo de crescimento que ignora os impactos ambientais e sociais é insustentável e arriscado para o futuro da humanidade. A educação ambiental não pode ser ingênua. Precisa ser política. Precisa fomentar cidadãos que compreendam as conexões entre economia, meio ambiente e desigualdade social, e que saibam cobrar mudanças estruturais. No final, como todos os trabalhadores, essa professora também se move pelas marcas do tempo e pelos desejos de um mundo melhor. Entre seus papéis como filha, mãe, cidadã, militante e amante das florestas, ela carrega a esperança de que a educação ambiental pode ser a raiz de transformações profundas. E, assim como uma árvore solitária pode iniciar uma floresta, ela acredita que uma educação comprometida pode transformar gerações.

E você? Já plantou sua semente? Como podemos crescer de forma sustentável? Quais mudanças estruturais são necessárias para que a educação ambiental vá além da sala de aula e alcance a sociedade como um todo? Como você pode contribuir para proteger o mundo que compartilhamos? Quem te ensinou a valorizar a natureza e cuidar dela? E, talvez o mais importante: que legado ambiental você quer deixar para as próximas gerações?

■ ■ ■

Referências: Freire P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. // Loureiro CFB (org.) *Cidadania e Meio Ambiente*. Salvador: Centro de recursos Ambientais, 2003.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.